



Director literario:

*Albuquerque Maranhão*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Juarez de Almeida*  
PAPUSSE

## RESPOSTA DE MOUCO



O doutor Matoso Prado que ha trinta anos surdo é, por se encontrar constipado nunca deixa o cachéné.



Encontrando um seu colega, conversa junto a uma esquina, mas, por ser surdo, não chega a perceber patavina.



E o colega, então, maçado por não lazer-se entender, acaba por lhe dizer:  
— «o amigo está constipado?!»



Entanto, digo e não digo, o doutor Matoso Prado responde — «não, meu amigo, o que eu estou é constipado!»

# O ANEL da PRINCESA

por Odette Passos de Saint-Maurice  
(Dolly)

-ilustrações de A. M.



M seu palácio cõr doiro, a linda princêsa Maria Isabel soluçava! Porque choraria a princezinha? Não eram seus Pais, a rainha Cecília e o rei Miguel tão seus amigos? Eram, mas a tristeza da princezinha provi-

fulgurante da Bondade nem o condão divino de bem fazer.

Quando Carlos, o jôven Noivo de Maria Isabel, soube do desaparecimento da preciosa joia, ficou por tal modo irritado que jurou à adorada Noiva restituír-lho no mais curto prazo de tempo. Não era tanto a perda do anel que o atormentava atrozmente, mas sim a dolorosa tristeza da Noiva estremeçada, por cujos sorrisos êle daria a Vida e tôdo o reino.

nha de outra coisa...

Seu Noivo, o príncipe Carlos, tinha-lhe oferecido um anel com uma linda esmeralda, mas uma má fada, aproveitando um descuido da princezinha, tirou-lho. E, desde então, a sua linda cabecinha loira, pendeu, tristemente, numa dolorosa saudade e nunca mais os seus olhinhos doces e profundos, sorriram daquela alegria imensa que tantas vezes sentira!

Era linda a Maria Isabel e dir-se-ia que a tristeza infinita que a envolvia inda mais aumentava a sua angelical beleza, nimbando-a tôda duma suave graça espiritual.

A fada pérfida que lhe roubara o anel, havia com êle adornado a corôa da princêsa Maria Bértola, sua afilhada, que em nada se igualava à linda e Isabel. Não tinha em



E numa manhã de glorioso Sol a coar-se pelas ramâgens franjadas dos seculares arvoredos dos parques riais, Carlos partiu em veloz galope, no seu cavalo querido, deixando cheia de esperanças e receios, a jôven princezinha de cabelos cõr doiro e olhos cõr do Céu.

Depois de muito galopar, atravessando reinos e desertos, chegou o príncipe Carlos aos domínios da princêsa rival.

Escalando a janela do seu quarto, onde Maria Bértola dormia vagamente banhada por um luar misterioso e pálido, o coração ofegante de cansaço e ansiedade, entrou, resolutamente no quarto da princêsa, caminhando agora, vagarosamente, sobre a alcatifa macia.

Com o rosto pousado na almofada de renda, a princêsa dormia. Pé ante pé, olhando em volta numa an-



cidade enorme, Carlos soltou, de repente um pequenino grito de louca satisfação: acabava de avistar sobre um contador dourado a formosíssima corôa, onde, entre o faíscar dos brilhantes e o aveludado das pérolas, resplandecia o desejado anel.

O coração de Carlos parecia uma avezinha a esvoaçar na gaiolita estreita...

Com uma das mãos comprimiu-lhe as exaltadas pulsações, enquanto com a outra, ainda trémulo de emoção e surpresa, arrancou o anel da corôa malfadada.

Nesse momento, porém, Maria Bértola despertou! Um grito lancinante ecoou por todo o palácio e Carlos, mal tendo tempo de saltar pela janela, sobre o seu cavalo branco, viu-se, de repente, perseguido por dezenas de lacaios e págens.

A sua bôa estrela, porém, não o abandonou nesse horrível momento, e, dentro em pouco, desaparecia à vista dos seus perseguidores, levando, junto ao peito, ternamente apertado, o formosíssimo anel de fulgurante esmeralda.

Debuçada no mirante de mármore, Maria Isabel, louca de Alegria, percebendo o triunfo do Noivo, lançou-lhe, na ponta dos dedos, um beijo de gratidão...

Por todo o reino tocaram sinos e se embandeiraram janelas, festejando um certo sorriso que voltara a habitar uma certa boquita de romã, duma certa princesa...

E, passados dias, celebrava-se, com todo o brilho e imponência, o casamento dos jovens enamorados Maria Isabel e Carlos, ostentando ela, na corôa senhoril, o belo anel de esmeralda que lhe dera seu Noivo.

A má fada e Maria Bértola, como recompensa da sua maldade, morreram de raiva e inveja, e Maria Isabel e Carlos, como prêmio da sua Bondade e corágem, vivem ainda hoje muito felizes, naquele lindo e doirado país de sonho, naquele quimérico país, tão perto e tão distante, chamado Fantasia...

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■

E	U	-o + número	K	-sta + se			PI
NI							TO
G	IN	note	fol	A	-a + onso	ALBU Q+r	RES
MA						Q	CO

*de 1910*

# O FANTASMA

## da RIA



por Vasco A. Rocha  
ilustrações de E.O.



HOVIA torrencialmente.

As nuvens corriam numa velocidade espantosa, arrastadas por um vento furioso. Sobre a conhecida ria de Aveiro, os típicos barcos moliceiros balouçavam-se desesperadamente, impelidos pelas ondas implacáveis.

Inquietos, sombrios, apressados, os habitantes de Aveiro, às 8 horas da noite. — (estava-se, então, no inverno) —

já tinham pressa de recolher às suas casas, deixando os clubs desertos e as ruas em misterioso silêncio.

Três rapazes, no entanto, em cima duma ponte, indiferentes à chuva e ao vento, riam e gracejavam na mais animada conversação. Eram três estudantes simpáticos, que deveriam roçar todos aí pelos 18 a 19 anos de idade.

— Já são 8 horas, ó Joaquim?

— São 8 e um quarto, meu caro Branco de Melo. Mas... repara. Aqui o nosso Barbosa parece que não está muito satisfeito... Terá ele medo do fantasma?

— Eu?! Medo?! Eu estou mas é cheio de frio! Irra!...

Todos riram. Lembrando-se um de embrulhar um cigarro, os outros dois seguiram-lhe o exemplo. Encostaram-se, por momentos, às grandes da ponte. Em seguida, falando baixo, dirigiram-se para um local da cidade denominado as Pirâmides, e não tardaram a desaparecer nas trevas.

Nesse tempo, quem falasse aos habitantes de Aveiro no fantasma da ria, era o mesmo que lhe pre-

gar um enorme susto. Ficavam lívidos, com um acentuado tremor na voz, e deitavam para os lados olhares tímidos, receiosos, como se julgassem que, falando nêlo, o vulto sinistro do fantasma aparecesse ali, para, num movimento rápido, os estrangular ou matar de susto, levando ainda por cima as suas almas direitas ao inferno.

Dizia-se que o fantasma surgia, como todos os fantasmas, à meia noite, no canal das Pirâmides, para desencaminhar as almas ao mal, conduzindo-as, depois de perdidas, ao diabo, encarregando-se este de as mandar lançar por outros diabinhos a uma daquelas formidáveis fornalhas, em que, decerto, já todos ouviram falar.

Um dia, porém, os três rapazes já conhecidos — Joaquim, Barbosa e Branco de Melo — resolveram, resolutamente, provar aos aveirenses, que a brincadeira do fantasma não passava duma autêntica e ridícula mentira. E, como sabem, seguiram às 8 e um quarto para o local da aparição que, mesmo que não fosse esse o sítio que o povo temia supersticiosamente, era também pouco frequentado, principalmente de inverno.

Chegados lá, sentaram-se no muro do cais, mudos, a medo, fumando desesperadamente os restos dos cigarros que tinham acendido na ponte.

E começaram a gracejar alto:

— O fantasma, com certeza, não aparece hoje, não!

— Talvez ele tenha medo das almas do outro mundo!

— Ou então tem frio!

— Virá ele com alguma capa de borracha...?

— ... Ou com algum sobretudo da mais fina fazenda inglesa?...

— Não sei!

— Se estiver a chover como está agora — reparem, estou tódo inolhado! — talvez venha fazer a di-zestão por aqui com algum guarda-sol de senhora!

—Que idéa!

—Uma vez—disse Barbosa—vi um fantasma em minha casa, mesmo no quarto da minha criada (se não quiserem acreditar, perguntem ao dr. Samuel Godinho), e, cheio de coragem, disse:— Viva o rei!—Mas o fantasma sumiu-se, entoando, em voz cava, o hino nacional!

—Este Barbosa é impagável!

—Ah! Ah! Ah!... Pois é!...

E estiveram sempre até às 11 e meia, naturalmente para afugentar o susto, na mais alegre das conversas. Depois, sentindo que se aproximava a meia-noute, calaram-se e começaram a perscrutar, ansiosamente, a negridão da noute. Tremiam de frio e de medo, e, para sossegarem mais, fumavam muitos cigarros a fio. Sentiam-se acometidos por um estranho mal-estar. Tentaram mesmo safar-se para a cidade que brilhava ao longe, através duma chuva miudinha, fria, irritante... Mas, mau grado seu, as pernas pareciam-lhes pregadas ao solo por qualquer misteriosa fôrça sobrenatural.

A noute, decididamente, estava espantosa. O vento era mais forte e as ondas da ria batiam com violência contra o cais.

Isolados entre as águas do canal e das marinas de sal, sem verem o que se passava a um palmo do nariz, os três rapazes, sabendo que aquele logar era temido por homens valentes, principalmente àquela hora adiantada da noute, os três rapazes, dizia, tinham muita razão em tremer, não é verdade?

Até que as pancadas monótonas da meia-noute soaram ao longe, ecoando a última vertiginosamente pelo espaço, como para avisar os estudantes de qualquer perigo fantástico que estavam prestes a correr.

De repente, um grito estranho, agudo, prolongado, rasgou as trevas, ficando em seguida tudo no mesmo silêncio.

Joaquim desmaiou. Barbosa e Branco de Melo, com os olhos desmedidamente abertos, cingiram-se convulsivamente um ao outro, esperando, horrorizados, o triste desfecho da sua ousadia.

Um grande clarão fosforescente, brilhou, de súbito, sobre as águas da ria, caminhando, apressadamente, para os três rapazes, e tomando, pouco e pouco, a forma dum vulto altíssimo, coberto apenas por um rútilo manto azulado. As feições foram-se-lhe descobrindo; umas faces chupadas, uma bôca enorme, uns olhos faiscantes, magnéticos, e um nariz formidavelmente aquilino.

Chegando perto dos estudantes, mirou-os atentamente com as suas pupilas brilhantes e nêgras como essa noute, e, em seguida, soltou uma gargalhada sarcástica. E pôs-se a dançar macabramente sobre as ondas agitadas e espumantes.

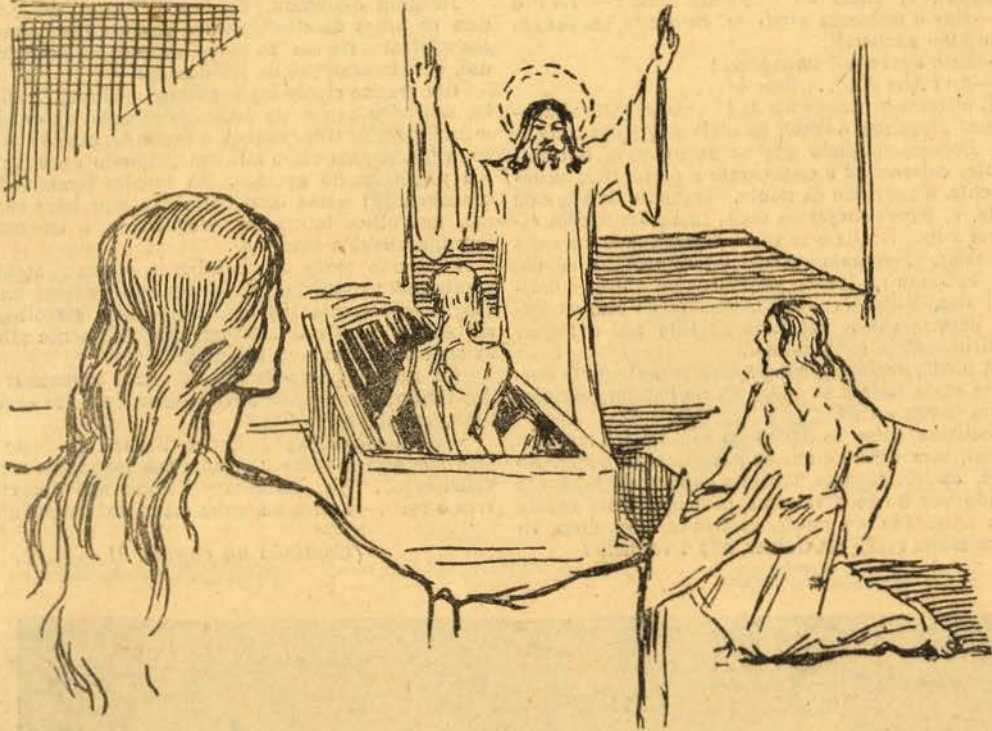
Ao fim de pouco tempo, tornou a aproximar-se dos rapazes, fitou-os de novo, e disse com voz cavernosa, arrepiante:

—Então, Barbosa!? Então, Branco de Melo!? Que coragem a vossa! Como estais tremendo, meus valentes!... Ah! Barbosa! Porque não dizes:—viva o rei!?—Talvez eu tenha medo, talvez eu fuja!

(Continúa na pagina 8)



# RESSURREIÇÃO DE LÁZARO



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Esboceto de EDUARDO MALTA

**L**ÁZARO, irmão de Marta e de Maria, (três sinceros amigos de Jesus que se encontrava ausente na Judéa) havia quatro dias que jazia num sepulcro em Bethânia, a linda aldeia sempre cheia de côr, plena de luz.

Já farta  
Marta  
de sofrer a Dor  
que lhe causara a morte do que fora  
tão dedicado amigo do Senhor,  
Filho da Virgem Mãe,  
Nossa Senhora,  
e Maria, cançada de chorar,  
aguardavam, agora,

Jesus Cristo  
que havia prometido regressar  
para o curar  
mais, ai, que não viera,  
conforme prometera,  
estranha cousa!

Nisto...  
voz amiga murmura em alvoroço:  
— «Ai vem o Rabi...»

e  
Marta acorre  
bradando anciosamente: — «Que ouço?!...  
que ouço?!...»

Marta que, logo, ao seu encontro, corre!...

— «Senhor, Senhor, já não podeis valer-lhe!  
Lazaro já repousa

(Termina na página 7)

*Rectificação:* — A gravura que publicamos acima, saiu no nosso número anterior, ilustrando o conto UMA BELA ACCÃO quando deveria ter sido publicada a que hoje figura como desenho para os meninos colorirem.

Perdoem-nos os nossos pequeninos leitores e, principalmente a autora o involuntário lapso.

sobre a lousa  
nada podeis fazer-lhe,  
é morto já!»

Volve-lhe, então,  
Jesus: — «o teu irmão,  
Marta, reviverá.  
Sou a Ressurreição!  
Todo o que crer em mim  
nunca mais morrerá;  
Terá Vida sem fim!  
Crês isto?»

— «Oh, sim; oh, sim;  
meu Senhor, creio-o bem,  
pois se vós sois o Cristo!»

Ouvindo isto,  
logo,  
Jesus,  
Filho da Virgem Mãe,  
brada com desafogo:  
— «Então, Marta, a meu rogo,  
chama Maria e vem...»

Acudindo Maria  
ao rogo do Senhor,

ei-los andando, andando...  
por atalhos em flor!  
Mas, nisto,  
Cristo  
pára;  
é que se lhe depara  
o sepulcro onde Lázaro jazia.

— «Tirai a pedra!» exclama, então, Rabi;  
— «Senhor, já cheira mal, há quatro dias  
que faz Lázaro aqui!»  
volve Tobias  
um judeu que, entre vários, é presente.  
— «Tirai a pedra!» insiste novamente,  
sereno,  
o Nazareno,  
o Rei dos reis.

Súbito, ó maravilha, ó caso estranho,  
contra todas as leis  
que os homens regem, do sepulcro ascende  
qual düende,  
Lázaro em corpo e alma, imaculado,  
como se fora, apenas, despertado  
dum sono passageiro transitório.

**F I M**

**PARA OS MENINOS COLORIREM**





### Continuação da página 5

Experimenta, anda!... Ah! Ah! Tu nem podes falar!... Barbosa, toma atenção no que te vou dizer: O teu rei é o diabo, senhor da tua alma, e a sua monarquia é o inferno, onde se cantam milhares de desgraçados hinos!

E desatou a rir perdidamente, com tanta vontade, que se estendeu ao comprido nas ondas furiosas, e se começou a rebolar vertiginosamente sobre elas.

De súbito, levantou-se e tornou a dirigir-se para os três jovens, dizendo-lhes:

— Vinde a mim! A mim!

E, agora, a sua voz era doce, harmoniosa, cativante.

— Dai-me as vossas almas! As vossas almas!

E, suplicante, quasi a chorar:

— Eu quero levar-vos ao inferno! Ao inferno!

Barbosa desmaiou, ficando por cima do corpo inanimado de Joaquim.

O fantasma correu ameaçadoramente para Branco de Melo, com os braços estendidos, horrivelmente feio, com scintilações penetrantes a saírem-lhe dos seus olhos furiosos, esbugalhados:

— Oh, Branco! Oh, Branquinho! Tu és mais fraco que os teus companheiros, mas tens mais serenidade do que eles! Embora, meu rapaz, lutarei contigo e vencer-te-hei! Eu luto e venço sempre! Ah! Ah!

Mas Branco de Melo, com um gelado suor a correr-lhe por todo o corpo, disse, ao mesmo tempo que se benzia devotamente:

— Meu Deus! Credo! Santo Nome de Jesus! Nossa Senhora me acuda!

O fantasma estacou, como fulminado. Em seguida, soltou um berro que atreou os ares, rebolou-se novamente pelas ondas, chocou frequentes vezes contra o cais, e, soltando um gemido e após ele uma risada que poderia ser tanto de triunfo, como de raiva ou resignação, afundou-se nas águas da ria, e nunca mais tornou a aparecer aos três jovens temerários.

Quando os habitantes de Aveiro, ao outro dia, de manhã, viram, Joaquim, Barbosa e Branco de Melo todos sujos, de olhos esgaseados, mais pálidos que cadáveres, rodearam-nos, e, ouvindo a estranha narração, ficaram estupefactos, mas satisfeitos.

Porque não sei se sabem que, depois, foram padres benzer as Pirâmides, acompanhados de muito povo.

E jamais o fantasma tornou a causar o terror naquela terra que hoje se intitula, com orgulho, a «Veneza de Portugal».